



A MULHER NA FAMÍLIA TRADICIONAL CRISTÃ: IMAGENS PRODUZIDAS NO DISCURSO NEOPENTECOSTAL DO PROGRAMA THE LOVE SCHOOL

Marcella Karoline Belo Rodrigues¹

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Nayana Ferraz da Fonseca²

Universidade Federal Fluminense (UFF)

RESUMO

O presente artigo propõe uma análise discursiva do episódio “Como homens e mulheres funcionam”, do programa *The Love School: Escola do Amor*, transmitido pela emissora de TV Record, vinculada à Igreja Universal do Reino de Deus e reproduutora de seu discurso neopentecostal na determinação de papéis de gênero. O objetivo é investigar como esse discurso mobiliza a imagem feminina na família tradicional cristã e reforça a teologia complementarista, segundo a qual homens e mulheres teriam sido criados para exercer papéis distintos, porém complementares, na sociedade. A partir da Análise do Discurso materialista, fundamentada em Michel Pêcheux e na teoria dos Aparelhos Ideológicos do Estado de Louis Althusser, são analisadas quatro sequências discursivas do programa com foco nos mecanismos de interdição, discurso transverso e memória discursiva a fim de investigar seus efeitos de sentido sobre a formação imaginária da mulher como “auxiliadora” ou “opositora idônea”. Conclui-se que o discurso midiático neopentecostal adentra o espaço privado com a retomada de formulações naturalizadas sobre gênero, atuando como instrumento de reprodução ideológica neoliberal e intervindo, assim, na perpetuação do modelo de família tradicional, que delega à mulher a função de reproduutora de força de trabalho.

Palavras-chave: Análise do discurso materialista. Feminismo. Neopentecostalismo.

ABSTRACT

This article presents a discourse analysis of the episode “How Men and Women Work” from the television program *The Love School: Escola do Amor*, broadcast by TV Record, a channel affiliated with the Universal Church of the Kingdom of God and a reproducer of its neopentecostal discourse in the construction of gender roles. The aim is to investigate how this discourse mobilizes the female image within the traditional Christian family and reinforces complementarian theology, according to which men and women were created to perform distinct but complementary roles in (class-based) society. Based on Materialist Discourse Analysis, grounded in Michel Pêcheux’s theory and Louis Althusser’s concept of Ideological State Apparatuses, four discourse sequences from the program are analyzed, focusing on the mechanisms of interdiction, transverse discourse, and discursive memory, in order to examine their effects of meaning on the imaginary formation of the

¹ Doutoranda e mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Especialização em Língua Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: marcella.kbr@gmail.com

² Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Especialização em Edição e Gestão Editorial pelo Núcleo de Estratégias e Políticas Editoriais e em Literatura Infantojuvenil pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: nayanaferraz@hotmail.com



woman as a “helpmate” or “suitable opposer.” It is concluded that the neopentecostal media discourse penetrates the private sphere by reviving naturalized formulations about gender, acting as an instrument of neoliberal ideological reproduction and contributing to the perpetuation of the traditional family model, which assigns to women the role of reproducer of labor power.

Keywords: Materialist discourse analysis. Feminism. Neopentecostalism.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, investigamos as imagens produzidas a partir dos efeitos de sentidos da “mulher-esposa” em relacionamentos heteronormativos monogâmicos, que são comumente entendidos como “família tradicional”. Nesse âmbito, destaca-se o discurso do programa da TV aberta *The Love School: Escola do Amor*, transmitido pela emissora de TV Record, canal declaradamente evangélico, cujo proprietário é o bispo e fundador da Igreja Universal do Reino de Deus (doravante IURD), Edir Macedo. A fim de compreender como os discursos do programa são produzidos e encontram circulação na sociedade, adota-se como aparato teórico-metodológico a Análise do Discurso (AD) materialista, partindo da visada althusseriana de Igreja como um Aparelho Ideológico do Estado (AIE), o que Pêcheux (1975, p. 166) define como “realidades complexas que garantem materialmente a reprodução das relações de classe, colocando em jogo práticas associadas a lugares ou relações de lugares que remetem às relações de classe”.

A comunidade evangélica é composta por diversas denominações, originadas em diferentes contextos históricos. Brevemente, pode-se dizer que há três principais vertentes que se disseminaram na América Latina: (i) o protestantismo histórico (em Luteranas, Calvinistas e Metodistas); (ii) as tendências evangélicas (em Batistas, Presbiterianas e Anabatistas); e (iii) o pentecostalismo, que surgiu no começo do século XX (em Assembleias de Deus, Deus é amor, entre outras). Interessa-nos a atualização desta última, o **neopentecostalismo cristão** (MARIANO, 2004), que teve como base uma exacerbação de alguns fundamentos teológicos. No Brasil, essa nova vertente encontra espaço de expansão entre o final da década de 1970 e o final da década de 1980, em denominações como a IURD, a Internacional da Graça de Deus, a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra e a Renascer em Cristo, todas fundadas por pastores brasileiros (MARIANO, 2004, p. 123). Segundo o autor,

No plano teológico, caracterizam-se por *enfatizar a guerra espiritual* contra o Diabo e seus representantes na terra, por *pregar a Teologia da Prosperidade*, difusora da crença de que o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos, e por rejeitar usos e costumes de santidade pentecostais, tradicionais símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo (MARIANO, 2004, p. 124, grifos nossos).

Se, para Althusser (1985), a “Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” – isto é, faz com que o indivíduo, a partir do processo de identificação, passe a se constituir como um sujeito posicionado no interior de uma determinada formação ideológica –, pode-se inferir que as denominações neopentecostais – notadamente, a IURD –, enquanto AIE, atuam como (re)produtoras de determinadas formas de agir e saber em concordância com a ideologia dominante e com a visão de mundo necessária à perpetuação das condições de vida atuais. Como pretendemos demonstrar, essa instituição produz e faz circular sentidos que reforçam imagens consolidadas



durante séculos de história do discurso religioso, retomando e reproduzindo a memória discursiva judaico-cristã e radicalizando seus traços mais conservadores: a preservação de seus preceitos, moral e valores; a necessidade da família para a manutenção e desenvolvimento da sociedade e da nação; a individualização; e a sua disseminação na esfera pública.

Apelando para o pânico moral em relação às conquistas de mulheres e pessoas LGBTQIA+, os discursos produzidos pelo neopentecostalismo atraem um público neoconservador, não necessariamente evangélico, mas que também vê nos preceitos religiosos judaico-cristãos uma forma de preservação do que acreditam serem os valores morais fundamentais.

Deste modo, mobilizaremos noções como formação discursiva e formação imaginária, processo de subjetivação e memória discursiva para dar conta do estudo dos discursos veiculados no programa *The Love School* e de como eles reverberam e dialogam com a formação ideológica neoconservadora, determinando a imagem da função da mulher na família tradicional cristã.

1 UM POUCO DE CONTEXTO HISTÓRICO: O NEOCONSERVADORISMO RELIGIOSO NO BRASIL

A história recente do Brasil oferece pistas para a compreensão da onda neoconservadora que, nos últimos anos, vem ocupando espaço na esfera pública e, mais especificamente, no cenário político. Desde o processo de redemocratização, vinha se estabelecendo, no país, um posicionamento político mais progressista, e esse processo acentuou-se nos governos petistas, quando grupos feministas e movimentos LGBTQIA+ puderam trazer para o debate público questões como o aborto e o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Entretanto, essas pautas têm encontrado cada vez mais dificuldade em avançar, dentre outros fatores, devido à forte influência política de grupos neoconservadores.

A última década do século XX foi caracterizada por disputas entre feministas, de um lado, que defendiam a garantia dos direitos humanos às mulheres, e, do outro lado, a grupos religiosos, afirmado, segundo sua doutrina, que as diferenças sexuais entre homens e mulheres seriam determinantes das suas funções sociais (BIROLI, 2020). Mais recentemente, grupos católicos e evangélicos uniram, novamente, forças, em conjunto com outros grupos conservadores, como o MBL e a Brasil Paralelo, contra a denominada “ideologia de gênero”, termo que reúne o seguintes elementos: o conservadorismo social, a desconfiança nas democracias liberais – por razões diversas, tal como abertura política a grupos feministas e ao movimento LGBTQIA+ – e a oposição ao que eles chamam de “políticas de esquerda” (ARGUEDA-RAMÍREZ, 2023, p. 32). De acordo com essa visão, há uma verdade que determina os lugares sociais dos indivíduos de acordo com a sua natureza sexual, e essa exortação não é apenas religiosa, isto é, não apenas se vale da tradição cristã na defesa da sexualidade heteronormativa, mas também é, segundo dizem, um apelo à razão, na medida em que utilizam uma suposta evidência biológica.

A disseminação do termo ecoa nas denominações evangélicas, principalmente as neopentecostais, que, no Brasil, têm raízes no trabalho de missionários estadunidenses que, por décadas, difundiram suas convicções religiosas entre grupos políticos e setores (neo)conservadores da sociedade. A concretização dessa doutrina se dá de forma mais latente no surgimento de igrejas por todo território nacional, com a construção de templos grandiosos e – até mesmo – a criação de programas e canais de rádio e televisão declaradamente evangélicos. Dessa forma, tais igrejas assentam-se numa extensa rede global, com representações em diversos países, presença ativa na vida política e formação de conglomerados de mídia. De acordo com Silva (2019, p. 70), há uma relação estreita entre o neopentecostalismo e o neoliberalismo, uma vez que a religião torna-se também um meio de resolução de problemas de ordem prática e individual. A IURD, para o autor,



apresenta-se como o grande exemplo do caráter empresarial assumido pelo neopentecostalismo, capturando fiéis na medida em que oferece respostas e enfretamento para o que se denomina “crise da subjetividade no neoliberalismo.” Assim, a IURD oferece a cura e o sucesso, ancorando-se na batalha espiritual e na teologia da prosperidade.

A IURD pode ser considerada a mais proeminente dentre essas denominações neopentecostais no Brasil. Interessante pensar que, num país altamente desigual, cujos problemas socioeconômicos foram superficialmente enfrentados apenas nos últimos governos petistas, o líder dessa igreja é o pastor mais rico do Brasil, com fortuna de 2 bilhões, de acordo com lista da revista *Forbes* (*apud* INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS, 2013). Mesmo diante desse contexto social de precariedade, as igrejas fundadas por Edir Macedo encontraram condições para a sua expansão, e parte desse crescimento se dá porque no neopentecostalismo, a igreja é compreendida como um ponto de apoio para os mais necessitados, cumprindo funções que seriam, primordialmente, governamentais. Seu discurso está inserido na ideologia dominante, caracterizado pela naturalização de estruturas sociais tradicionais vigentes, tal como a família. Criam um *mercado segmentado autossustentável*, baseado nos dízimos e ofertas, comercializando produtos diversos voltados ao público gospel e usufruindo de brechas da legislação para obterem isenções de impostos. Ao mesmo tempo que enriquecem, angariam fiéis que procuram na Teologia da Prosperidade uma esperança de enriquecimento pessoal. De acordo com Brown (2019), esse processo de individualização das demandas sociais presente nas comunidades neopentecostais coaduna com as demandas neoliberais, de modo que a subjetividade dos indivíduos seja integrada à lógica de mercado.

Segundo Argueda-Ramírez, (2023), a aliança neoconservadora que se dá entre católicos neointegralistas, neopentecostais e neoliberais tem como prerrogativa política a autoridade religiosa, tal como acontecia anteriormente à secularização do Estado com a consolidação formal das democracias liberais. Além disso, os grupos neoconservadores preveem uma reforma do Estado, de modo que este se torne coerente ao entendimento neoliberal da economia e da política. Assim, tais grupos neoconservadores são compostos também por outros setores (que não os religiosos) interessados – do ponto de vista econômico – no funcionamento de políticas antigênero. Por fim, teriam também o objetivo de promover uma “dessecularização” da sociedade em geral, e, em consequência, supostamente, “restaurar” a moral baseada na imagem da família tradicional.

Neste trabalho, coloca-se em pauta a dimensão midiática desses grupos, bem como o impacto ideológico que os discursos veiculados produzem na esfera social e política. Interessa-nos o fato de que o investimento em publicidade com objetivo de consolidar a máquina comunicativa é um traço característico não apenas do neoconservadorismo, no geral, mas especificamente do neopentecostalismo praticado pela IURD, como veremos na próxima seção em que serão abordadas as condições de produção em que este discurso se constrói.

2 A RELAÇÃO IGREJA-MÍDIA E O PROGRAMA THE LOVE SCHOOL

A IURD foi criada em 1977 por Edir Macedo, no Rio de Janeiro, num pequeno galpão. Em pouco tempo, cresceu, e seu fundador apostou na publicidade como um caminho para angariar mais fiéis, alugando um horário na Rádio Metropolitana para veiculação de seus discursos. A audiência do programa abriu caminho para que o pastor adquirisse a sua própria estação, a Copacabana, de conteúdo gospel. Com a transição da popularidade do rádio para a TV, a IURD entendeu a necessidade de ocupar também o espaço televisivo, tendo primeiro alugado o horário das madrugadas na TV Tupi e, posteriormente, no fim dos anos 1980, efetuado a compra da TV Record.



A capacidade de arrecadação e a estruturação da IURD nos moldes de uma empresa, com abertura de filiais, organização baseada em princípios administrativos e forte investimento em *marketing* foram fatores fundamentais na sua consolidação como a maior igreja neopentecostal do Brasil. Para Mariano (2004, p. 130), a doutrinação promovida no rádio e na TV tem a capacidade de levar a mensagem e o apelo religioso aos lares, alcançando aqueles que não possuem contato direto com a Igreja.

A programação da TV Record conta com um conteúdo diversificado, composto por programas jornalísticos e programas de entretenimento, programas de esportes; sessões de filmes; séries e telenovelas. Além disso, há a programação da IURD, composta pelo programa *Fala que eu te escuto* e pelo programa *The Love School: Escola do amor*.

O programa sobre o qual nos debruçamos apresenta, como conteúdo, questões de relacionamento amoroso. Num formato de terapia de casais, ele é apresentado pelo casal Ricardo e Cristiane Cardoso – esta, filha de Edir Macedo e da escritora Ester Bezerra. O programa teve sua estreia em novembro de 2011; é exibido aos sábados, às 12h, com uma hora de duração no meio da grade comercial da Record. Além de serem transmitidos na TV, desde 2016, os episódios também são disponibilizados nas plataformas *Youtube* e *Facebook*, que possuem 1,05 e 1,3 milhão de inscritos, respectivamente. No Instagram, *The Love School* conta com 1,1 milhão de seguidores.

Cristiane Cardoso, além de apresentadora, é escritora, palestrante e supervisora de teledramaturgia da TV Record. Seu marido, Ricardo Cardoso, é bispo da Universal, escritor e apresentador. Juntos, escreveram uma série de livros de aconselhamento matrimonial, inclusive o *best-seller Casamento Blindado*, em que apresentam “orientações para todo casal que reconhece o valor da vida conjugal e deseja resguardá-la do risco do divórcio”³, com base nos princípios morais evangélicos. A imagem que se cria para o casal é de um par experiente em questões amorosas, com um relacionamento longevo.

Além da presença nas redes sociais, o programa ocupa um espaço importante na IURD. Os apresentadores também ministram as palestras da Terapia do Amor – para as quais os telespectadores são convidados ao final dos episódios –, que acontece no Templo de Salomão, a sede de São Paulo. De acordo com informações da própria página da Terapia do Amor no site da Universal, “A Terapia do Amor é uma palestra focada no sucesso da vida amorosa. [...] O objetivo é levá-lo(a) a ser bem-sucedido(a) nessa área da vida”. O foco, portanto, não se afasta das promessas da IURD para outros campos da vida dos fiéis e se enquadra nos dizeres que compõem o discurso da prosperidade. O neopentecostalismo desenvolvido pela IURD, ao se fundamentar na teologia da prosperidade, prega o merecimento, *a priori*, de uma vida terrena plena, feliz e vitoriosa, isto é, uma vida de sucesso, o que inclui o êxito nos relacionamentos amorosos. Os meios para alcançar a vida próspera serão encontrados na Igreja.

Veremos, na seção seguinte, por meio da análise de alguns recortes do programa, a forma como as noções de relacionamento e casamento são mobilizadas na compreensão neopentecostal, construindo um discurso aparentemente neutro ou até mesmo científico, mas que é constituído pela formação imaginária cristã, com a reprodução da imagem de família como instituição a ser preservada a qualquer custo, principalmente a partir do esforço e abdicação da mulher, representada na imagem da “auxiliadora”. Além disso, pretende-se demonstrar quais os efeitos de sentido sobre “mulher” estão em jogo no discurso analisado e como esses sentidos estão ancorados

³ Como consta na sinopse no livro que é veiculada em páginas de compra *online*.



na memória discursiva de mulher como auxiliadora e/ou opositora idônea, duas interpretações presentes no discurso bíblico e atualizadas pelo neopentecostalismo.

3 ANÁLISES DE TRECHOS DO PROGRAMA *THE LOVE SCHOOL*

Para a análise aqui proposta, trazemos alguns recortes do episódio “Como homens e mulheres funcionam”, do programa *The Love School*, exibido em 26 de outubro de 2024⁴. A escolha se deve ao fato de que, nesses recortes, é possível depreender os sentidos de “homem” e “mulher” associados aos papéis desempenhados nos relacionamentos amorosos e, assim, explorar como o discurso ali produzido determina as relações entre eles, bem como quais imagens são apresentadas e quais sentidos são mobilizados na construção desses imaginários.

A introdução do programa traz uma pequena matéria sobre as supostas diferenças entre cérebros de homens e mulheres, embasando-as em um estudo científico. Vejamos as seguintes capturas de tela:

Sequência 1: Introdução do programa



Captura de tela. Canal do Youtube do programa The Love School. Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=GpMoOqfemw4&ab_channel=EscoladoAmor-TheLoveSchool Acesso em: 11 mar. 2025.

Trata-se de um trabalho publicado na revista *Proceedings of Nature Academy Sciences (PNAS)*⁵, desenvolvido por um grupo de pesquisadores da Universidade da Pensilvânia. Na pesquisa experimental, os voluntários, jovens de 8 a 22 anos de ambos os sexos, foram separados em três grupos, por idade dos indivíduos: o primeiro, de 8 a 13 anos e 3 meses; o segundo, de 13 anos e 4 meses a 17 anos; e o terceiro, de 17 anos e um mês a 22 anos. Aos grupos, foi solicitada a realização de tarefas cognitivas enquanto as conexões eram aferidas em diversas regiões cerebrais.

Concluiu-se que os cérebros masculinos são “otimizados” para realizar conexões dentro de cada um dos hemisférios, enquanto os femininos realizam mais conexões entre os hemisférios direito e esquerdo. Para os pesquisadores, a trajetória de desenvolvimento de homens e mulheres demonstra maiores diferenças na adolescência (grupo 2) e na juventude (grupo 3). Os autores afirmam, ainda, que os resultados sugerem que os cérebros masculinos são estruturados para

⁴ O episódio está disponível na íntegra na página do programa no *Youtube* através do link <https://www.youtube.com/watch?v=GpMoOqfemw4&t=4s>

⁵ O estudo intitulado “*Sex differences in the structural connectome of the human brain*” pode ser consultado em <https://www.pnas.org/doi/abs/10.1073/pnas.1316909110>. Acesso: 10/03/2025



facilitar a conectividade entre percepção e prática de ações enquanto os cérebros femininos são voltados para a comunicação entre pensamento analítico e intuitivo.

Ainda que o estudo seja, de fato, promovido por uma instituição confiável e dirigido por acadêmicos das áreas de estudo em questão, seus resultados não devem ser simplificados em asserções como “homens e mulheres funcionam de maneira diferente” ou “um sexo desempenha determinadas tarefas melhor do que o outro”, como o programa *The Love School* faz. Nas conclusões do estudo, ao afirmarem que as diferenças encontradas derivam de processos diversos, que só se intensificam a partir da adolescência, põe-se em suspenso qualquer afirmação mais categórica de diferenças puramente biológicas, baseadas no sexo. Isso porque a primeira infância, período não coberto pela pesquisa, é uma fase de aprendizado cultural intenso para os indivíduos.

O apelo à biomedicina como ponto de ancoragem para a argumentação do episódio nos mostra a estratégia do discurso em jogo: apesar de os estudos disponíveis apontarem para diferenças cerebrais e comportamentais pouco significantes, o programa optou por trazer a público, em primeiro plano, um estudo que fundamenta essa disparidade. Chama a atenção a menção ao discurso científico, desde que esse discurso funcione como viés de confirmação para a teoria que é base ideológica do programa. Isso é possível na medida em que as formações discursivas são compreendidas, de acordo com a AD, como sendo heterogêneas. Ou seja, as formações discursivas passam por incessantes reconfigurações (COURTINE; MARANDIN, 2016 [1980], p. 39), podendo incorporar elementos produzidos em seu exterior. A entradas desses elementos têm efeitos diversos na configuração de uma formação discursiva, seja a redefinição de seus entornos, seja a evocação de seus próprios elementos ou a produção de esquecimentos e denegações (COURTINE; MARANDIN, 2016 [1980], p. 40). Todo o discurso do programa será construído a partir dessa premissa referendada pelo discurso científico. Assim, a produção dos sentidos referentes a mulheres e homens é atravessada pela evidência da diferença biológica, determinante para os comportamentos femininos e masculinos.

Observa-se, portanto, a partir da retomada do estudo científico e a sua reprodução num contexto enunciativo diferente, o funcionamento da memória discursiva, conforme aponta Pierre Achard (2015 [1983]). Para o autor, a memória discursiva se materializa por meio das paráfrases, que funcionam retomando o implícito que “trabalha sobre a base de um imaginário que o representa como memorizado” (ACHARD, 2015 [1983], p. 13), embora o seu aparecimento nunca se dê pela repetição completamente estabilizada, mas pela regularização das unidades formais nos novos contextos. A regularização, por sua vez, “se apoia necessariamente sobre reconhecimento do que é repetido” (p. 16). Assim, é possível admitirmos que a memória funciona, no discurso do programa, pelo reaparecimento do enunciado “Homens e mulheres funcionam de forma diferentes” (sequência 1). Essa premissa será fundamental para alicerçar a construção discursiva em jogo. Cristiane e Ricardo retomam e reforçam esse enunciado através da nova formulação “Homens e mulheres são bem diferentes, **todo mundo sabe disso**”⁶ – como vemos na sequência 2:

Sequência 2: Ilustração didática

⁶ Na imagem representada pelo *printscreen acima* (Sequência 2, primeira imagem), não foi possível capturar na tela a palavra “homens”, entretanto, conforme é descrito no texto, a frase completa enunciada pelo apresentador é “Homens e mulheres sãp bem diferentes”.



Captura de tela. Canal do *Youtube* do programa *The Love School*. Fonte:

https://www.youtube.com/watch?v=GpMoOqfemw4&ab_channel=EscoladoAmor-TheLoveSchool Acesso em: 11 mar. 2025.

Aqui, chama a atenção o que se denomina em AD por discurso transverso, modalidade discursiva responsável pelo efeito de sustentação do dito, sendo referido por Pêcheux como o “retorno do saber no pensamento” e caracterizando-se por uma “simulação do interdiscurso no intradiscursivo” (PÊCHEUX, 1975, p. 154).

Ainda na sequência 2, para ilustrar o estudo, os apresentadores utilizam, pedagogicamente, malas para representar o funcionamento mental e emocional de ambos os sexos, traduzindo para uma linguagem mais simplificada, por meio do uso de metáforas, a conclusão a que pretendem chegar. Enquanto Ricardo demonstra diversas malas pequenas, Cristiane aparece com uma grande: o apresentador abre uma por uma, demonstrando como cada área da vida de um homem estaria compartmentada em malas/caixas diferentes – uma para trabalho, outra para sexo, outra para futebol, etc, até uma “caixa do nada”. A apresentadora, por sua vez, abre a sua grande mala, em que há diversas áreas num emaranhado conectado por um único fio, ilustrando como as mulheres relacionam mentalmente as diferentes áreas de sua vida. Em resumo, de acordo com essa tese, os homens têm pensamentos compartmentados, ao passo que as mulheres pensam em tudo ao mesmo tempo.

De forma não intencional, essa pequena ilustração reforça a naturalização da sobrecarga mental que leva muitas mulheres ao adoecimento. A pressão cultural pelo desempenho dos sujeitos é particularmente mais agressiva para elas, pois se encontram materialmente sobrecarregadas com funções que vão além do trabalho assalariado, incluindo funções de cuidado da casa, dos filhos e do marido, isto é, para além do trabalho produtivo, fora de casa, as mulheres – sozinhas, na maior parte das vezes – exercem o trabalho reprodutivo, ao mesmo tempo que – conforme o programa demonstra ser a ideia geral – lidam com a responsabilidade pela gestão da casa e pelo sucesso da vida a dois.

O problema não está necessariamente na constatação apresentada de que as mulheres se preocupam mais com os relacionamentos, mas na explicação para isso: o funcionamento diferenciado da mulher, da sua natureza, do seu cérebro e da sua biologia. A forma como esse discurso recorre à ciência e para justificar a realidade das mulheres na sociedade patriarcal ignora a condição material que lhes condiciona um determinado modo de vida, baseado na ideologia burguesa em que estas ocupam um lugar específico no núcleo familiar, correspondente ao papel social de reproduzir a força de trabalho e das condições de vida da força de trabalho.



Mais adiante, é iniciada a entrevista com o casal convidado, Maria e Fabrício, a qual se encaixa na construção do discurso proposto pelo programa, uma vez que as suas dificuldades de relacionamento são entendidas como fruto da não aceitação das diferenças entre eles. Num primeiro momento, são exibidas as entrevistas individuais, em que cada um relata a história do relacionamento e seus desafios; em seguida, apresentadores e entrevistados começam uma conversa, nos moldes de uma terapia de casal, no palco do *The Love School*. Esse momento é bastante esclarecedor para que possamos compreender o funcionamento do discurso neopentecostal. Observamos que, até essa etapa do episódio, não foi realizada nenhuma menção explícita à Igreja ou à religião e toda a construção discursiva foi desenvolvida a partir da tentativa de fundamentar cientificamente o tema debatido. Entretanto, é no diálogo que serão materializados discursivamente os dizeres que compõem a formação discursiva neopentecostal de “homem” e “mulher”.

Sequência 3: Conversa com o casal Fabrício e Maria



Captura de tela. Canal do YouTube do programa *The Love School*. Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=GpMoOqfemw4&ab_channel=EscoladoAmor-TheLoveSchool Acesso em: 11 mar. 2025.

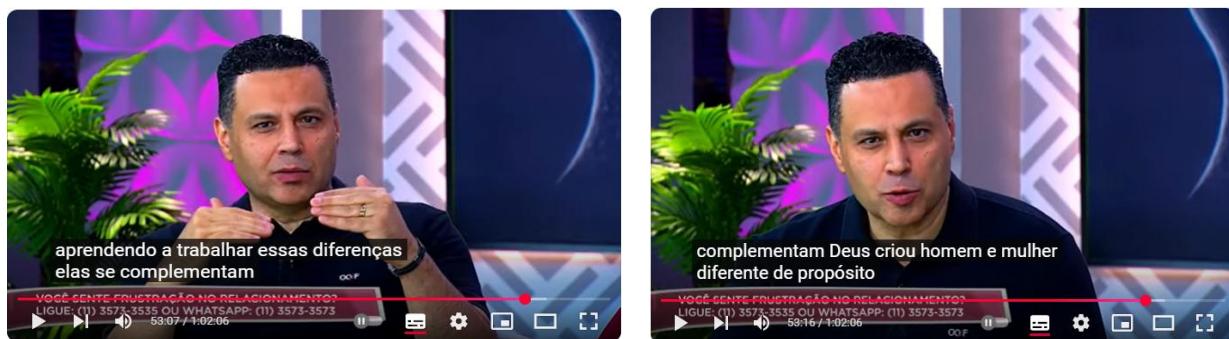
Durante a conversa, as imagens de homem e mulher no âmbito do relacionamento heteronormativo monogâmico, segundo a doutrina cristã neopentecostal, tornam-se centrais no debate do tema do episódio. Na sequência discursiva 3, podemos observar que os significantes em questão são retomados em formulações constituídas a partir de determinações: (i) “eu deixei de cuidar dele, **que seria o meu papel**” e (ii) “porque você tem que deixar **o homem ser homem**”. A naturalização dos papéis masculinos e femininos na construção da família – “porque eu não me preparei para ser **o homem da casa**” – remete, então, à argumentação que foi sendo construída até



o momento, de que há um funcionamento diferente – fato alicerçado, até então, somente na ciência e no senso comum, sendo o não saber lidar com as diferenças a raiz dos problemas enfrentados nos relacionamentos. Porém, a partir dali, as novas formulações apresentam-se amparadas pela teologia cristã: “por isso que o homem precisa da mulher, a **auxiliadora**”. Cristiane conclui: “Não foi à toa que Deus falou: ‘**Não é bom que o homem esteja só.**’”.

Apesar de esparsos os momentos em que a religião ou a “palavra de Deus” ancoram explicitamente o discurso desenvolvido no programa, a doutrina cristã neopentecostal é a base de sua construção argumentativa. Se, num primeiro momento, é o discurso da ciência que predomina, ao longo do programa comprehende-se que essa alusão só acontece porque coaduna com um aspecto específico da visão de mundo da IURD: a complementariedade entre homens e mulheres – princípio teológico que vai reaparecer no momento seguinte do programa, representado na sequência 4.

Sequência 4: A complementariedade



Captura de tela. Canal do *Youtube* do programa *The Love School*. Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=GpMoOqfemw4&ab_channel=EscoladoAmor-TheLoveSchool Acesso em: 11 mar. 2025.

Na sequência discursiva 4, a complementariedade tem o seu sentido movido para a formação discursiva da teologia cristã. As diferenças passam a ser entendidas como complementação do casal – “aprendendo a trabalhar essas **diferenças, elas se complementam**”. Finalmente, chega-se à conclusão de que a diferença entre homens e mulheres deriva do desejo divino de complementariedade entre eles: “**Deus criou homem e mulher diferente de propósito**”.

Por fim, os convidados Maria e Fabrício relatam como as palestras da Terapia do Amor os ajudaram na superação de seus problemas conjugais. Os apresentadores convidam, então, os telespectadores a participarem dos encontros e exibem alguns testemunhos de participantes. Segundo a proposta de Mariano (2004, p. 130), pode-se dizer que a IURD prefere os testemunhos das transformações vividas pelos fiéis a programas explicitamente doutrinários; a partir dessa comunicação propagandística, transmite as atividades realizadas nos templos, convidando o público para seus eventos.

4 SENTIDOS DE MULHER: UMA RETOMADA DA IMAGEM BÍBLICA

Não apenas a Igreja, mas também os Meios de Comunicação e a Família são AIEs relacionados por Althusser (1985), e o seu funcionamento é essencial para a manutenção da formação social capitalista, em que a ideologia neoconservadora está inserida. Na sociedade



secularizada das democracias liberais, nas quais as religiões perderam a sua centralidade, destacam-se novas formas de disseminação do discurso religioso. A alusão ao discurso científico e o apelo ao discurso pedagógico são exemplos de como o neopentecostalismo vem encontrando alternativas para chegar aos indivíduos.

Para Pêcheux (1969), todo processo discursivo supõe a existência de formações imaginárias. Nestas, as posições ocupadas pelos enunciadores encontram-se representadas, isto é, “presentes, mas, transformadas” (p. 82). Isto é, no processo discursivo, as imagens produzidas pelos enunciadores sobre si e sobre o outro são constitutivas dessas formações, de modo que tais posições vêm a compor também – além de outros elementos – o que se denomina, em AD, “condições de produção do discurso”. Além disso, para o autor, as representações imaginárias possibilitam as antecipações, necessárias, inclusive, para a formulação de estratégias discursivas. Desse modo, as representações imaginárias das diferentes dimensões do discurso (enunciador, destinatário, situação, etc) são atravessadas pelo já-dito (Pêcheux, 1969, p. 85). O trabalho da AD consiste também na recuperação desse já-dito constitutivo das formações imaginárias e do processo discursivo.

Pensando, portanto, no conceito de formação ideológica proposto por Pêcheux, buscamos entender como a imagem da mulher na família tradicional corresponde a um suposto propósito da criação da figura feminina no *Gênesis*. De acordo com a narrativa judaico-cristã, teria Deus feito o *homem* “à sua imagem e semelhança” (GÊNESIS 1:26) e, para que este não ficasse só, Ele teria arrancado uma de suas costelas e, com ela, criado a mulher: “Então o homem disse: ‘Esta, sim, é parte dos meus ossos e da minha carne. Ela será chamada mulher [do hebraico, *ishá*], porque foi tirada do homem [do hebraico, *ish*]’” (GÊNESIS 2:21). É interessante notar, ainda, que coube a Adão – homem, entendido como o ser humano primordial, o ser/sujeito universal em oposição ao qual qualquer outro estará na posição de “outro” – a função de nomear todos os animais (GÊNESIS 2:19-20).⁷

Percebe-se, no mito bíblico, que a mulher não figura como um projeto divino *per si*, mas como “não homem”, companheira e, portanto, subordinada à escolha masculina por um nome. Embora haja leituras que defendam que Eva foi retirada da costela de Adão para estar *ao seu lado*, há outras interpretações – muito recorrentes entre neopentecostais – que afirmam que, como as costelas aos órgãos vitais, a mulher deve proteger e sustentar o homem. Na análise materialista que propomos aqui, essa segunda leitura pode ser a chave para a compreensão da nossa tese principal: de que, na ideologia neopentecostal, a imagem da mulher é limitada à função de atuar como aparato funcional do homem, para o qual teria sido criada, num modelo familiar tradicional.

Essa pressuposta função feminina pode ser verificada *ad litteram* no versículo 18 do mesmo capítulo, escrito originalmente em hebraico. Como o hebraico bíblico tem um vocabulário menor que o português⁸, uma palavra pode conter múltiplos significados ou *nuances*, dificultando uma tradução precisa. Uma tradução é sempre uma reescrita; não se pretende aqui esgotar essa problemática, mas sinalizar que a escolha vocabular pode indicar preferências por significantes que,

⁷ Neste estudo, optamos por destacar uma versão contemporânea do texto bíblico, a fim de demonstrar como o discurso é reproduzido ainda nos tempos atuais. A tradução utilizada é da Nova Bíblia Viva, de 2010.

⁸ O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras possui cerca de 380.000 entradas, enquanto o hebraico bíblico tem uma ocorrência de em torno de 13.000 palavras (Bíblia de estudo, s.d.).



ao serem lidos e aplicados literalmente por neoconservadores, funcionam, discursivamente, como produtores de sentido. É o caso da expressão “*ezer kenegdo*” em *Gênesis* 2:18⁹:

1. Depois disse o Senhor Deus: “Não é bom que o homem fique sozinho. Vou fazer para ele *uma companheira, uma auxiliadora que lhe corresponda*”. (Nova Bíblia Viva)
2. Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma *ajudadora que lhe seja idônea*. (João Ferreira de Almeida Atualizada)
3. O SENHOR Deus disse: “Não é bom que o homem esteja sozinho. Farei *alguém que o ajude e o complete*”. (Nova Versão Transformadora)
4. E disse o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma *adjutora que esteja como diante dele*. (Almeida Revista e Corrigida)

Como demonstrado, *ezer kenegdo* é apresentado como alguém que está *em função de*, o que é indicativo de como o discurso é determinante de uma formação ideológica – no caso, de papéis de gênero. Em sua dissertação *What is Helpmate?*, Rebekah Call (2023) defende que múltiplas leituras textualmente sustentáveis são possíveis para esse versículo e podem ser ainda mais convincentes do que as mais comuns. Após uma longa análise contrastiva com outras línguas semíticas, Call (2023) conclui que as visões negativas tradicionais baseadas em *ezer kenegdo* não são apoiadas pelo *Gênesis*. Observando, por exemplo, que *ezer* aparece em outros textos do Antigo Testamento como uma qualidade do próprio Deus¹⁰, ela declara não haver uma tradução definitiva, mas, dentre as possíveis, a *ezer kenegdo* poderia se referir a

um guerreiro ou campeão, disposto a enfrentar o combate com coragem e força, e capaz de realizar tarefas difíceis – mesmo aquelas que podem ser impossíveis para outros. *Ezer kenegdo* pode ser um líder ou um governante divinamente designado, um pastor ou uma pessoa que faz as coisas acontecerem. Um *ezer kenegdo* pode ser alguém que influencia os outros para longe da má conduta, o que implica uma pessoa de boa moral. A frase pode significar uma pessoa que reúne, um montador ou um organizador; tal tradução tem elementos que poderiam estar ligados à liderança e à administração, mas também à empreendimentos como engenharia ou arquitetura. Isto implica que o *ezer kenegdo* é inteligente. Em um sentido mais figurado, *ezer kenegdo* pode ser uma fundação, parede, fortificação ou casa, que pode indicar que a mulher pode ser um espaço seguro, protetor e confiável (CALL, 2023, p. 167-168, tradução nossa).

Num debate recente sobre qual seria a melhor acepção do termo hebraico, o pastor Batista Yago Martins (2024) afirma que o ideal seria a adoção de palavras “neutras” quanto à posição hierárquica, e não termos como “auxiliadora” e “ajudadora”, que evocam uma imagem de

⁹ Todas as versões aqui apresentadas foram retiradas do endereço eletrônico <https://www.bible.com/pt/bible/compare/GEN.2.18>. Acesso em: 03 mar. 2025.

¹⁰ A fim de ilustrar essa referência, destacamos o versículo *Êxodo* 18:4, onde consta: “O outro se chamava Eliézer, pois Moisés disse: ‘O Deus de meu pai foi minha ajuda e livrou-me da espada do faraó’”. O nome Eliezer (do hebraico, *El*, Deus, com o sufixo possessivo “meu”; *Ezer*, “Auxílio”, “Ajuda”, “Socorro”) significa “Deus é [meu] auxílio” (NOVA BÍBLIA VIVA, 2010, p. 67).



inferioridade. Embora a AD materialista rejeite a existência de neutralidade, uma quinta versão pode apresentar uma tradução outra, em que a imagem feminina aparece como menos submissa:

5. Então, o SENHOR Deus disse: — Não é bom que o homem esteja só; farei para ele uma *aliada que lhe seja semelhante*. (NOVA VERSÃO INTERNACIONAL – Português, grifos nossos)

Assim, a despeito da abrangência semântica, motivada pelas diferenças estruturais e lexicais das línguas, visando a acatar os textos sem desvios, neopentecostais apegam-se às palavras (de Deus?) cujas escolhas foram orientadas numa reescritura. Materializada nessas traduções, a ideologia interpela o indivíduo-mulher em sujeito subalternizado, não autônomo, visto que sua existência é derivada do homem, à semelhança *dele* – enquanto o homem existe à semelhança do divino. Nesse sentido, como demonstrado, essas versões, um pouco mais, um pouco menos, fomentam a teologia complementarista, que defende que homens e mulheres têm papéis diferentes, mas complementares, na sociedade. Dessa interpretação, neopentecostais têm evocado a imagem da “opositora idônea”, no sentido de que a mulher seria uma contraparte do homem, uma bênção *para seu marido*.

Retomamos, assim, a ideologia neoconservadora materializada no programa *The Love School*. Apoiados na teologia complementarista, ao exporem como, supostamente, homens e mulheres funcionam, os apresentadores não estão buscando a equidade, mas enfatizando dessemelhanças entre os gêneros. Todo seu discurso baseia-se na ideia de que o amor inteligente é condicionado pela não resistência às divergências de pensamento – que são muito mais culturais do que genéticas, embora um neurologista afirme o contrário no episódio. Portanto, o papel da mulher não seria outro senão cumprir com o propósito divino e declarado pelo próprio Deus em *Gênesis* 2:18: cuidar do homem para que este não esteja só, servindo-lhe, seja como auxiliadora, seja – quando muito – como aliada, para que ele cumpra seu próprio propósito, o de “tomar a frente” sendo “o homem da casa”.

Assim como a multiplicidade de traduções está relacionada às diferentes posições ocupadas pelos sujeitos-tradutores nas formações ideológicas, é certo afirmar que o discurso neopentecostal se encontra amparado na materialidade histórica que o funda. Na atual formação social, em que a realidade impõe a divisão da sociedade em classes baseadas na exploração do trabalho alheio e na opressão estrutural de parte considerável dos indivíduos, observamos que a Igreja, enquanto AIE, cumpre papel importante na manutenção da estrutura social dominante. Uma interpretação materialista possível nos interroga sobre a função da Família, dentro da formação social capitalista. De acordo com Federicci (2021 [2020], p. 33), essa instituição tradicionalmente estrutura para as mulheres o trabalho não assalariado, a dependência dos cônjuges e a existência de uma divisão no interior da classe trabalhadora, disciplinando também os homens como provedores.

O mito bíblico relata que Deus disse “Não é bom que o homem esteja só” (GÊNESIS 2:18); na sequência, enquanto nomeava os animais (e, naturalmente, os reconhecia em pares), Adão teria percebido a falta de uma correspondente que pudesse auxiliá-lo. Fica implícito, portanto, que esse “auxílio” é o mesmo que as fêmeas dão aos machos, isto é, a reprodução. A função social da família de reproduzir a força de trabalho é vista por Ana Montenegro (1981, p. 16-17) também como um meio de controle da mulher, sendo um reflexo histórico da relação entre propriedade privada e núcleo familiar. Ao se dedicar ao trabalho reprodutivo, à educação e ao cuidado dos filhos – garantindo, assim, a reprodução da força de trabalho dito “produtivo” (que garante o salário) –, a



mulher cumpre um papel central na manutenção da formação social capitalista: de repositora de mão de obra. Essa seria sua função perante Deus, o criador, e consequentemente é a imagem que os neopentecostais tentam perpetuar em seus discursos.

CONCLUSÃO

Conforme detalhamos nas primeiras seções deste artigo, o discurso neopentecostal reforça os sentidos de família a partir de sua construção histórica como uma instituição tradicional, sendo esta fundamental à manutenção da sociedade de classes. Historicamente, entende-se que o rebaixamento do trabalho doméstico em relação ao trabalho produtivo e assalariado surge, conforme o estudo de Engels, no início do processo civilizatório, a partir da criação de gado e do aumento da força de trabalho escravizada. Por falar em escravização, para Saffioti (2015 [2004], p. 132), sexismo e racismo são irmãos gêmeos, uma vez que “o racismo, base do escravismo, independentemente de características físicas ou culturais do povo conquistado, nasceu no mesmo momento histórico em que nasceu o sexismo” – e tal realidade baseia-se na distinção do tratamento dado a homens e mulheres. No processo de escravização de um povo, os homens eram temidos, devido à sua força física, sendo frequentemente eliminados; já as mulheres eram preservadas, pois, além de poderem constituir força de trabalho, eram também reproduutoras dessa força de trabalho e prestadoras de serviços性uals aos homens (SAFFIOTI, 2015 [2004], p. 133).

Se, antes da formação da família patriarcal, a divisão de tarefas entre homens e mulheres não determinava a superioridade dos primeiros, depois, os homens assumem a responsabilidade sobre a propriedade do gado e dos escravos, o que os coloca hierarquicamente acima das mulheres, ainda que a divisão do trabalho continuasse a mesma. Além disso, segundo Engels (2020 [1884], p. 201), “Todo o excedente deixado agora pela produção pertencia ao homem. A mulher tinha participação no consumo, mas não tinha qualquer parte na propriedade”.

O desenvolvimento histórico das forças produtivas e a sua organização segundo a sociedade de classes mostram-nos que a formação da família centrada no homem não acontece naturalmente nem por razões biológicas, mas por fatores externos. A manutenção desse modelo familiar – em que a mulher tem o papel de exercer o trabalho doméstico e reprodutivo e o homem o de produzir riqueza – tem sido uma das bases da perpetuação do sistema capitalista. Como ficou demonstrado, a reprodução é imprescindível ao capitalismo, por isso, na ideologia neoliberal, há um esforço para que a existência desse modelo de organização familiar continue a existir.

Vimos que o discurso neopentecostal – exemplificado no programa *The Love School*, vinculado à IURD –, ao introjetar a ideologia neoliberal, reafirma a divisão sexual do trabalho baseada não só na distinção entre trabalho reprodutivo e trabalho produtivo, mas também na suposta diferença entre homens e mulheres que, desde o *Gênesis*, marca a hierarquização dentro do núcleo familiar tradicional. Esse modelo reproduz, para o homem, o lugar de prestígio como o “cabeça da casa” e à mulher, a imagem conservadora de auxiliadora ou opositora idônea.

Conclui-se, a partir do presente trabalho, que o discurso do programa *The Love School*, por meio de diversos funcionamentos discursivos, reproduz e faz circular imagens de que é ser mulher numa perspectiva neoconservadora. Assim, pretende-se aqui contribuir para uma reflexão, no campo da AD, acerca do papel da comunicação religiosa do programa no âmbito dos processos de subjetivação das mulheres cristãs.

REFERÊNCIAS



@prpedrodaniel. **PARA DE ENXERGAR SUA ESPOSA COMO SUA ADVERSÁRIA!** [Instagram], 20 nov. 2024. Disponível em:

<https://www.instagram.com/reel/DCmBUbJxVtK/?igsh=MWUzZGh0eXZnOWV2ZQ%3D%3D>.

Acesso em: 05 mar. 2025.

ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In: _____. et al. **Papel da memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015 [1983].

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, v. 2, 1985.

AMOR, Terapia do. Terapia do Amor. **Universal. S.l., s.d.** Disponível em:

<https://www.universal.org/terapiadoamor/>. Acesso em: 21 mar. 2025.

ARGUEDAS-RAMÍREZ, Gabriela. The Twenty-First-Century Crusade against Democracy in Latin America: ‘Gender Ideology’ at the Frontline. In: GOETZ, Judith; MAYER, Stefanie (Eds.). **Global Perspectives on Anti-Feminism: Far-Right and Religious Attacks on Equality and Diversity**.

Edinburgh: Edinburgh University Press, 2023. Disponível em:

<https://www.jstor.org/stable/10.3366/jj.7358671.6>. Acesso em: 4 mar. 2025.

BIROLI, Flávia. **Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina**. São Paulo: Boitempo, 2020.

BÍBLIA DE ESTUDO, A. **As 10 Palavras Mais frequentes da Bíblia em Hebraico**. A *Bíblia de Estudo*, s.l., s.d. Disponível em: <https://abibliadeestudo.com/as-10-palavras-mais-frequentes-da-b-blia-em-hebraico> Acesso em: 03 mar. 2025.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

CALL, Rebekah. **What is a “Helpmate”? Using Comparative Semitic Linguistics to Propose New Translations for Ezer Kenegdo**. 2023. Dissertation (Doctor of Philosophy) – Claremont Graduate University, Claremont, 2023.

COURTINE, Jean-Jacques; MARANDIN, Jean-Marie. Que objeto para a Análise do Discurso? In: CONEIN, Bernard et al.. **Materialidades discursivas**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016 [1980]. p. 33-54.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Lafonte, 2020.

ESCOLA DO AMOR - THE LOVE SCHOOL. **Como homens e mulheres funcionam**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GpMoOqfemw4>>. Acesso em: 20 mar. 2025.

ESTADÃO CONTEÚDO. **Pesquisa mostra que desinteresse do brasileiro pelo voto cresce desde 2006. IstoÉ Dinheiro**. 05 jul. 2022. Disponível em: <https://istoedinheiro.com.br/pesquisa-mostra-que-desinteresse-do-brasileiro-pelo-voto-cresce-desde-2006/> Acesso em: 03 mar. 2025.

FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo**. São Paulo: Boitempo, 2021 [2020].

INGALHALIKAR, Madhura et al. Sex differences in the structural connectome of the human brain. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 111, n. 2, p. 823-828, 2 dez. 2013.



ISNTITUTO Humanitas Unisinos. **Com fortuna de R\$ 2 bilhões, Edir Macedo é o pastor evangélico mais rico do Brasil, diz revista.** *Instituto Humanitas Unisinos. S. l.*, 22 jan. 2013. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/171-noticias-2013/517059-com-fortuna-de-r-2-bilhoes-edir-macedo-e-o-pastor-evangelico-mais-rico-do-brasil-diz-revista>. Acesso em: 14 mar. 2025.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos avançados**, v. 18, p. 121-138, 2004.

MONTENEGRO, Ana. **Ser ou não ser feminista**. Recife: Ed. Guararapes, 1981.

NOVA BÍBLIA VIVA. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (1969). In: **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

_____. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas (1975). In: **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

R7.COM. **Conheça mais sobre o The Love School - Escola do Amor**. Disponível em: <https://record.r7.com/love-school-escola-amor/conheca-mais-sobre-o-the-love-school-escola-do-amor-24022025/>. Acesso em: 20 mar. 2025.

SAFFIOTI, Heleith. **Gênero patriarcado violência**. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.

SILVA, Luiz Felipe Andrade. **O diabo da língua: discursos da possessão em religiões brasileiras**. 2019. 324 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.